

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

O CÉU DO POVO MANOKI E OS SEUS ENSINAMENTOS SOBRE O TEMPO NA TERRA

*The sky of the Manoki people and their teachings about
time on earth*

*El cielo del pueblo Manoki y sus enseñanzas sobre el
tiempo en la tierra*

Edivaldo Lourival Mapuch

Professor na EMIEB Cravari e EEI Tapurá Irantxe no Município de Brasnorte do Estado de Mato Grosso, Licenciado em Matemática e Mestrando em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – UNEMAT.

E-mail: edivaldo.mampuche@unemat.br

João Severino Filho

Professora Dr. do PPGE CII - Programa de Pós Graduação Stricto Mestrado Profissional em Ensino e Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9421-7192>

E-mail: joaofilho@unemat.br

Como citar este artigo:

MANPUCHE, Edivaldo Lourival & SEVERINO FILHO, João. O céu do povo manoki e os seus ensinamentos sobre o tempo na terra In **Revista de Comunicação Científica – RCC**, Jan./Maio, Vol. I, n. 7, pgs. 31-39, 2021. ISSN 2525-670X.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 7 (2021)
ISSN 2525-670X

O CÉU DO POVO MANOKI E OS SEUS ENSINAMENTOS SOBRE O TEMPO NA TERRA

The sky of the Manoki people and their teachings about time on earth

El cielo del pueblo Manoki y sus enseñanzas sobre el tiempo en la tierra

Resumo

Esse texto é resultado reflexões sobre o cotidiano das crianças Manoki e suas famílias, impactados pelas mudanças ocorridas no período da pandemia do COVID-19. Buscamos relacionar o tema de estudo de minha pesquisa de mestrado e as ações realizadas pela comunidade, em função de obter maior normalidade possível. A escola, para os Manoki, é um tempo que os alunos aprendem sobre o mundo dos kewa (não indígena) para adquirir novos conhecimentos e ajudar o seu povo, sem esquecer suas raízes. Durante essa pandemia podemos perceber o quanto a escola em quatro paredes limita o aprendizado dos alunos. As atividades escolares em casa podem ser feitas seguindo o ritmo de cada aluno, deixando espaço livre para a pesca, caça, auxílio na abertura de estradas, a atenção aos mais velhos para perpetuação de nossos conhecimentos enquanto povo e tantas outras práticas que vem ao encontro de uma educação condizente com nossas necessidades.

Palavras-chave: Marcadores de Tempo Indígenas, Criança Manoki, Cotidiano, Pandemia.

Abstract

This text is the result of reflections on the daily lives of Manoki children and their families, impacted by the changes that occurred during the COVID-19 pandemic period. We seek to relate the topic of study of my master's research and the actions carried out by the community, in order to obtain the highest possible normality. The school, for the Manoki, is a time that students learn about the world of the kewa (non-indigenous) to acquire new knowledge and help their people, without forgetting their roots. During this pandemic we can see how much the school in four walls limits students' learning. School activities at home can be done following the pace of each student, leaving free space for fishing, hunting, assistance in opening roads, attention to the elderly to perpetuate our knowledge as a people and so many other practices that come to meet education consistent with our needs.

Keywords: Indigenous Time Markers; Manoki child; Daily; Pandemic.

Resumen

Este texto es el resultado de reflexiones sobre la vida cotidiana de los niños Manoki y sus familias, impactados por los cambios ocurridos durante el período de la pandemia del COVID-19. Buscamos relacionar el tema de estudio de la investigación de mi maestría y las acciones que realiza la comunidad, con el fin de obtener la mayor normalidad posible. La escuela, para los Manoki, es un momento en el que los estudiantes aprenden sobre el mundo de los kewa (no indígenas) para adquirir nuevos conocimientos y ayudar a su gente, sin olvidar sus raíces. Durante esta pandemia, podemos ver cuánto la escuela en cuatro paredes limita el aprendizaje de los estudiantes. Las actividades escolares en casa se pueden realizar siguiendo el ritmo de cada alumno, dejando espacio libre para la pesca, la caza, la asistencia en la apertura de caminos, la atención a los mayores para perpetuar nuestro conocimiento como pueblo y tantas otras prácticas que vienen al encuentro de la educación acorde con nuestras necesidades.

Palabras clave: Marcadores de tiempo indígenas; Niño Manoki; Diario; Pandemia. Resumen

Edivaldo Lourival Mapuch, João Severino Filho



Introdução

Os Irantxe se autodenominam Manoki e teve seu contato com a sociedade envolvente desde a primeira década do século XX, por meio da Comissão Rondon que, em 1907, divulgou as primeiras informações sobre eles. Baseado em informações fornecidas pelos índios Pareci, Rondon relatou um massacre realizado por seringalistas (no contexto da expansão econômica impulsionada pelo ciclo da borracha em Mato Grosso) na aldeia Tapuru, adjacente a um córrego de mesmo nome (PEREIRA & MOURA, 1975, p.1).

Os Manoki possuem um histórico dramático de relações com a sociedade não indígena, passaram por um intenso processo de depopulação, incidindo de um contingente com mais de 700 pessoas, no começo do século XX (BANDEIRA & PIVETTA, 1993, p. 43), a pouco mais de 50 indivíduos.

O povo conseguiu manter uma relativa distância das frentes de expansão até 1948, quando pressionado por conflitos, com outros indígenas da região e pela extração da borracha, passou a se refugiar na missão jesuíta de Utiariti.

Utiariti é o nome pelo qual é conhecido regionalmente o salto que existe próximo ao local em que foi construída uma estação da linha telegráfica de Rondon de mesmo nome. Por esse motivo, normalmente também se refere ao internato construído nas imediações da cachoeira como “Utiariti” ou “colégio dos padres”.

Durante praticamente duas décadas de internato religioso algumas pessoas do Povo Manoki passaram por catequização católica, sendo proibidos de praticar seus rituais, falar sua língua e se casar segundo suas tradições. Em razão dessas proibições e casamentos com pessoas de outros grupos indígenas, somente os mais velhos, em geral nascidos antes do advento da missão jesuíta, são falantes do idioma nativo e detêm todos os conhecimentos tradicionais.

Hoje com uma população de aproximadamente 380 pessoas, os Manoki distribuem-se em pequenas aldeias entre a margem esquerda do rio Cravari e a estrada BR 364, no trecho que liga as cidades de Campo Novo do Parecis e Brasnorte, ao noroeste de Mato Grosso (a 500 quilômetros da capital Cuiabá).

Os Manoki se concentram em sua maioria em dois grandes aldeamentos: o “Cravari”, o maior deles, e o “Paredão”, onde está o segundo maior contingente

populacional. No atual contexto de conflitos fundiários, que enfrentam para regularizar e reocupar seu território na margem direita do rio Cravari, os Manoki têm vivenciado um processo de afirmação de uma “identidade cultural indígena”, principalmente a partir do início do século XXI.

Hoje a designação “Manoki” é a mais utilizada por esse coletivo indígena, ainda que já se tenha passado praticamente uma década desde que essa população distribuem-se em pequenas aldeias entre a margem esquerda do rio Cravari e a estrada BR 364, no trecho que liga as cidades de Campo Novo do Parecis e Brasnorte, ao noroeste de Mato Grosso (a 500 quilômetros da capital Cuiabá).

2. Os saberes produzidos e experimentados pelas gerações

Os Manoki sempre utilizaram o aparecimento de flores, frutas, aves, espécie de capim, lua, estrela, posição do sol, da lua, do cruzeiro do sul para se orientar no espaço, marcar o tempo, marcar épocas das coisas como chamam.

Quando um ancião narra uma história é fácil notar que lembram algo quando dizem que era época do pequi, por exemplo, logo os jovens ligados ao calendário cristão entendem que é mês de outubro ou novembro e vai marcando o seu tempo de acordo com os ensinamentos. Para isso é preciso fazer um esforço e prestar atenção nesses marcadores de tempo e espaço para que o aprendizado faça parte do seu dia a dia, caso contrário fica bem difícil entender e trazer essa relação de marcadores com a nossa vida e o significado dela para cada tempo.

A escola para os Manoki é um tempo que os alunos precisam aprender sobre o mundo dos kewa (não indígena) para adquirir novos conhecimentos e ajudar o seu povo sem esquecer suas raízes, suas histórias.

Por outro lado, existe certa preocupação dos mais velhos em relação à perda da cultura, onde os mais velhos reclamam que os jovens estão mais interessados sobre as novidades que vem de fora, celular, internet, televisão e jogos. Reclamam que os jovens não preocupam em estudar e trabalhar, que os mesmos estão mais distantes dos seus familiares e a escola toma todo o tempo, esse tempo talvez seja a desculpa de alguns jovens estudantes ou a maioria em dizer que não pode ir para

a roça ou carpir o terreiro porque tem atividades escolares.

Como a escola, que funciona a modalidade indígena, por ser indígena, é de educação específica, diferenciada, bilíngue/multilíngue e intercultural, os professores proporcionam momentos de espaços em que os alunos vão caçar ou pescar de forma coletiva ou individual para ajudar na alimentação de seus pais.

Temos além dos componentes comuns, a Língua Materna no currículo, uma disciplina núcleo da valorização dos saberes e da cultura tradicional, antes tinha uma disciplina de cultura, essa foi extinta em 2020, isso na rede municipal de ensino.

Escola Municipal Indígena de Educação Básica Cravari se sustenta no objetivo da formação de alunos capazes de viver numa sociedade emergente buscando seus ideais dentro de sua lógica de vida e de ensino e aprendizagem dos conhecimentos tradicionais Manoki, bem como os conhecimentos da sociedade não indígena, ou a ciência dos kewa (pessoa não indígena), evidenciando a valorização dos costumes e da cultura indígena.

3. A aldeia contra o vírus que mudou o mundo

Declarada a Pandemia Mundial Covid – 19, e diante dos decretos de Estado exigindo mudanças urgentes, sendo uma delas a paralisação das aulas presenciais, imprimiu-se um alerta de urgência e preocupação na população Manoki, que começou a pensar em possíveis estratégias para que o povo não sofresse mais uma vez com ataques de doenças que levariam à morte, como aconteceu no início do século XX. Naquela época, aproximadamente 1.200 pessoas Manoki foram reduzidos a 50 indivíduos, devido aos conflitos gerados pela expansão da extração da borracha na região e também pela gripe, trazida pelos não índios, os exploradores. Visando à proteção da população, a comunidade Manoki atendeu ao decreto que paralisou as atividades escolares presenciais. O apoio se deu porque acompanhamos os noticiários referentes ao avanço da doença e os apelos das autoridades mundiais de saúde.

O pensamento Manoki, fortalecido e aliado às lideranças, aos professores e aos princípios da educação formal e tradicional, e comprometido na segurança às

crianças, aceitou a proposta de dar seguimento à educação escolar, adotando o apostilado proposto pela Rede Municipal de Ensino, denominado de Atividades Não Presenciais. Assim, nossas crianças e nossos jovens estavam de volta com a liberdade de conduzir a educação, fora das paredes de uma sala de aula, no acaento do seio familiar.

No início de abril, a Secretaria de Educação reuniu todos os gestores, e não tendo a disponibilidade universal de acesso aos mecanismos da educação por via tecnológica e internet, propôs a elaboração de uma apostila, seriada, única para toda a rede sem ter uma definição específica para a escola indígena. Assim, a nossa escola recebeu o material que disponibilizou para todos os alunos. O relato de experiência se baseia primeiramente, na valorização das redescobertas de identidade e pensamentos comunitários que o período proporcionou e segundo, na execução das atividades propostas pelas apostilas.

A comunidade escolar retirou excelentes experiências nesse momento de paralisação das aulas. Deixar o espaço da escola foi um retorno às práticas culturais embasada na seguinte afirmação: **As crianças são o futuro do povo Manoki, sendo sujeitos autônomos, conhecedores da sua história, defensores do seu território e engajadas na luta pelos seus direitos pessoais e direitos coletivos do seu povo.** A escola indígena, em cumprimento à sua modalidade específica, deve fazer com que não se percam suas raízes, principalmente étnica:

O ser índio tem que ter suas raízes fortes... é como uma grande árvore, pode ser bonita, forte e frondosa, porém se não tiver bem enraizada não está segura, é frágil... o mesmo acontece conosco se não tivermos bem firmes e seguros de quem somos, do que queremos como seres humanos, não vamos mudar nada. O resgate cultural para construir um futuro transdisciplinar e transcultural, é, sobretudo, o foco, o mais importante (D'AMBRÓSIO, apud RIBEIRO 2012, p. 32).

O principal recurso usado é a narrativa oral, prática valorizada pelo nosso povo, historicamente reconhecida, devido a importância dada à transmissão de saberes, por meio do falar e do ouvir atento.

Nosso objetivo é contar o que aprendemos com o período de paralisação das aulas presenciais que fortaleceu a experiência comunitária de regresso ao seio familiar.

Nossa Escola trabalha os conhecimentos segundo a ciência dos kewa e a ciência do povo Manoki, para que os alunos compreendam os dois mundos e conciliem esses conhecimentos de forma que compreendam o momento atual: a Pandemia que o mundo está vivendo.

No relato de alguns alunos, sem especificar nomes, notamos o quanto aprendem e ensina. Na fala do aluno, **“eles estão fazendo a gente ficar em casa e está sendo bom e meio ruim”**, percebemos que há valorização da educação formal realizada na escola e que o indígena valoriza também o conhecimento historicamente construído, como bem a ser buscado e apreendido. Contudo, ficar fora da escola e perto da família, é valoroso. Quando afirma **“Eu aprendi bastante coisa com o meu pai mesmo, e o com o meu tio. Aprendi a pescar.”** Neste trecho, a declaração confirma a necessidade do indígena de repassar seus conhecimentos às novas gerações. O empenho e a importância no ensino da pesca, atividade basilar na sobrevivência indígena fica exaltada na frase. Na mesma direção, o aluno contribuiu, para realçar o mérito da pesca: **“[...] aprendi um pouco [...] estamos indo pescar e caçar e está muito bom [...]”**.

Neste sentido, a declaração abaixo, enfatiza a relevância nas partes grifadas, que conseguiu ser contemplada pela visão e vivência do aluno:

Com as aulas não presenciais, estamos aprendendo outras coisas, sobre o Povo, sobre a nossa cultura, o trabalho. Bom, a aprendizagem não parou desde que as aulas pararam. E, a gente também está aprendendo outras coisas, sem as aulas presenciais. Mas a aprendizagem continua. E é isso. Bom, o trabalho com as apostilas, eu consegui resolver algumas, mas algumas matérias preciso de explicações específicas, então não pude realizá-las. Mas o que eu consegui é fazer [...] **considerando a cultura, a cultura é muito importante e desde que as aulas pararam que a gente está com o mesmo, com os rituais, fazendo oferenda** para o yetá (espíritos). E continua mais forte, é devido a paralisação das aulas.

A valorização da família, como grupo de apoio aos seus membros é outro aspecto relevante nesta cultura, como comprova a expressão de um aluno: **“Está sendo bom com estas apostilas que chegaram e isso faz eu ficar mais perto da minha família, aprendendo novas coisas”**. As atividades remotas proporcionadas pelas apostilas levaram, literalmente, o aluno de volta à oca, de volta ao lar, de volta aos seus.

Considerações Finais

Durante essa pandemia podemos perceber o quanto a escola em quatro paredes limita o aprendizado dos alunos indígenas. Percebemos que as atividades escolares em casa podem ser feitas seguindo o ritmo de cada aluno, deixando espaço livre para a pesca, a caça, auxílio na abertura de estradas, o direcionamento da atenção aos mais velhos para perpetuação de nossos conhecimentos enquanto povo e tantas outras práticas que vem ao encontro de uma educação diferenciada para a modalidade, conforme amparado na legislação brasileira. Não que tenhamos a presunção de desvalorização da escola formal, a qual sempre assegurará nossa formação basilar para o exercício cidadão, contudo, não sobrepondo-se às nossas raízes mais tradicionais.

Alguns alunos caminharam até 14 km por semana para pescar, isso traz experiências positivas e relação de respeito à natureza, faz bem à saúde e melhora a qualidade de vida. É nestes percursos e ações que nosso aluno indígena: se ocupa do conhecimento das águas que lhe dão o pescado; ausculta o crescimento de uma árvore; percebe a diversidade da fauna e da flora, que tanto admira e respeita; estreita os laços com os “professores” da família, que lhe ensinam a ouvir e esperar sua vez de pronunciamento, como forma de pacificação da convivência; participa mais ativamente dos rituais religiosos; e tantos outros tesouros que não podem se perder. Mas que se enfraquecem quando não exercitados!

Aos poucos esses conhecimentos, de fato, deverão se fazer mais presentes no espaço da escola indígena, reforçando a valorização da cultura e identidade do povo que a ocupa.

Referências

RIBEIRO, Gleide de Almeida 2012. **Etnomatemática**: Situações, Problemas e Práticas Pedagógicas na Realidade do Sistema Educacional Macuxi em Roraima: Universidade Bandeirantes de São Paulo 2012

BANDEIRA, M. L. e PIVETTA, D. L. 1993. **Iranxe**: luta pelo território expropriado.

O céu do povo Manoki e os seus ensinamentos sobre o tempo na terra

Cuiabá: Editora da UFMT, 185p.

PEREIRA, A. H. e MOURA, J. 1975. **História dos Mùnkù (Iránxe)**. Antropologia n. 28, Pesquisas, Instituto Anchietao de Pesquisas, Rio Grande do Sul. 40 p.

Recebido: 18/09/2021

Aprovado: 30/11/2021

Publicado: 30/01/2021